

# PECADO

## FRAGMENTAÇÃO DO SER HUMANO NUMA SOCIEDADE EM MUDANÇAS

*Lucas Antônio Mazzochini\**  
*Geraldo Luiz Borges Hackmann\*\**

### Resumo

O artigo analisa a realidade do pecado numa sociedade em mudanças. Primeiramente vê-se o contexto da relação humana, a pós-modernidade, para, depois, abordar a crise do sentido de pecado e a sua essência teológica. Evidencia-se que o pecado desumaniza e fragmenta o ser humano na sua relação com Deus e com os outros.

PALAVRAS-CHAVES: Amor. Culpa. Fragmentação. Pecado. Perdão. Pós-modernidade.

### Abstract

*This article analyses the reality of the sin in a changing society. First of all is focused the postmodernity. After is broached the crisis of the meaning of sin and its theological essence. It is evident that the sin makes the human being inhuman and breaks up the relation with God and the others.*

KEYWORDS: Love. Guilt. Fragmentation. Sin. Pardon. Postmodernity.

O pecado é um tema essencialmente teológico. Pergunta-se: que importância este tema tem para a sociedade? Como ele é compreendido? De fato, tratar sobre o pecado pode causar até certo mal-estar, uma vez

---

\* Bacharel em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), acadêmico da Faculdade de Teologia (FATEO) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e bolsista da FAPERGS.

\*\* Doutor em Teologia. Professor na Faculdade de Teologia da PUCRS e líder do Grupo de Pesquisa *Eclesiologia e questões emergentes*. Membro da Comissão Teológica Internacional e Perito da Comissão de Doutrina da CNBB. Orientador.

que diz respeito a uma questão intrinsecamente humana. Isso por que tal reflexão remete à maneira pela qual o ser humano traça sua regra de vida, sua opção fundamental, além de provocar uma reflexão sobre ansiedades, desejos ocultos, sentimentos, tendências sentidas e vividas pela própria pessoa, muitas vezes incômodos ou indesejáveis. Por isso, corre-se o risco de simplesmente ser indiferente perante tal tema. Contudo, não seria oportuno rever e compreender o que esta realidade – o pecado – pode causar no ser humano que crê em Deus? Mesmo para o que não crê, devido às suas consequências para todo ser humano? Daí brota a questão: como compreender o pecado no contexto – tão complexo – da relação humana hodierna?

## 1 Contexto atual da relação humana: pós-modernidade<sup>1</sup>

Tratar sobre o pecado supõe tratar sobre pessoas e suas devidas relações. É necessário, portanto, pôr os alicerces sobre a temática a ser abordada, isto é, compreender o contexto da relação humana atual, a pós-modernidade. Diante de um evidente e exacerbado individualismo reinante, nos dias de hoje, pode-se perguntar como conceber a relação humana, hoje, e sobre a possibilidade de ela estar ou não em crise.

Primeiramente, precisa-se ampliar o conceito de crise. Vê-se que crises sempre existiram em toda a história da humanidade e muitas delas favoreceram, de certa forma, uma evolução na compreensão do ser humano e de suas relações. Pode-se analisar uma crise sob o prisma negativo ou positivo. Dependendo do enfoque, está o agir humano frente a tal desafio. Ora, àquele que tem Cristo como “razão de sua

---

<sup>1</sup> Pós-modernidade é o termo que melhor designa, segundo muitos autores, o complexo contexto atual. Há muitas divergências quanto à terminologia mais correta. Diz Hans Küng: “Se olharmos bem, aqui começa a mudança para uma nova época mundial após a modernidade: a pós-modernidade. Este conceito certamente é problemático. Ele expressa mais a indecisão do que a determinação para uma nova época mundial, a qual ainda não possui um nome próprio, mas que, ao final do século 20, torna-se cada vez mais consciente” (KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 15). Pode-se dizer que o termo *pós-modernidade* tende a apresentar o que difere a atualidade da época da modernidade. Com este termo procura-se, de modo geral, evidenciar a crise da razão moderna e, por sua vez, todas as implicações que daí decorrem e influenciam de forma direta o ser humano e suas relações. Pretende-se, aqui, abordar brevemente alguns elementos da atualidade que interferem diretamente na fragmentação e crise de sentido do ser humano com o intuito de desafiar-se na reflexão do tema.

esperança” (cf. *IPd* 3, 15) não é compatível uma posição de desespero diante de qualquer crise, sobretudo a crise de sentido enraizada na contemporaneidade. Mas, que crise é esta? Trata-se de uma constatação alarmante da falta de sentido e objetivo de vida que afeta uma grande escala da humanidade. Pode-se dizer, segundo Gilles Lipovetski, que tal crise é consequência de um contexto peculiar da história denominado “a era do vazio”<sup>2</sup>.

No atual contexto epocal, verificam-se mudanças velozes, mesmo no comportamento humano. Junto com o individualismo, tendências como o indiferentismo e consumismo exercem uma força excessiva na sociedade hodierna. Busca-se a todo custo uma autonomia distorcida, exacerbada. “A fruição do momento presente, o culto de si próprio, a exaltação do corpo e do conforto passaram a ser a nova Jerusalém dos tempos moralistas”<sup>3</sup>. Diante de tal tendência, até mesmo a religião é privatizada, enquanto busca apenas algo que diz respeito ao interesse individual, sem compromisso e relação autêntica com Deus.

As crenças passam a gravitar mais propriamente em torno de uma busca pessoal subjetiva, incorporando, cá e lá, promiscuamente, ingredientes de tradição do Oriente e do Ocidente: espiritualidade e esoterismo, visão de absoluto e bem-estar holístico, meditação e relaxamento, mistérios e terapias corporais<sup>4</sup>.

Pode-se dizer que se vive, sim, uma volta ao sagrado, mas não propriamente uma volta à religião enquanto tal. “A era hipermoderna não põe fim à necessidade de apelar para tradições de sentido sagrado; ela simplesmente as rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e práticas”<sup>5</sup>. Busca-se, portanto, a transcendência, mas não o Transcendente.

A própria indiferença é resultado de uma sociedade que não tem mais esperança, que vive um angustiante vazio de sentido. Se outrora se vivia um ateísmo sistemático, hoje predomina a indiferença, o que é pior, porque não há nem interesse em verificar razões para tal descrença. Não se trata aqui de indiferença apenas em nível religioso, mas indiferença

<sup>2</sup> LIPOVETSKI, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

<sup>3</sup> *Id.* *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005, p. 29.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 131-132.

<sup>5</sup> CHARLES, Sébastien; LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos Hipermodernos*. 2. ed. São Paulo: Barcarolla, 2005, p. 93-94.

em âmbito existencial, uma indiferença que ofusca o olhar diante do próximo. Há uma verdadeira crise de alteridade.

Associado a essa perspectiva atual está o consumismo que instrumentaliza tudo. “A era do consumismo ‘dessocializa’ os indivíduos e correlativamente os socializa pela lógica das necessidades e da informação”<sup>6</sup>. Desse modo, tudo se torna objeto para um sujeito (*ego*). “Simplesmente, assistimos à extensão da fórmula do supermercado até os territórios do sentido, à penetração dos princípios do hiperconsumo no próprio interior da alma religiosa”<sup>7</sup>, salienta Lipovetski.

É fator comum que o ser humano hierarquize valores, pois ele mesmo é movido por eles! Diante disso, pergunta-se: o que se coloca no ápice da escala de valores? Uma coisa é certa, na medida em que se hierarquizam valores, inclina-se também a própria vida humana para tais. Ao colocar no ápice desta escala de valores a moda ou o próprio ego, o ser humano fragmenta-se a si mesmo e, conseqüentemente, todas as suas relações. Lipovetski salienta inúmeros sinais que refletem uma desestabilização ou fragmentação do ser humano. São eles:

Descontração nos relacionamentos interindividuais, no culto ao natural, nos casais livres, na erupção dos divórcios, na rapidez das mudanças de gostos, valores e aspirações, na ética tolerante e permissiva; mas são também sinais as explosões de síndromes psicopatológicas, do estresse, da depressão<sup>8</sup>.

Nesse contexto fragmentário, descartável, líquido, o ser humano perde a sua própria identidade. É o fator denominado de neonarcisismo que “se define pela desunificação, pela explosão da personalidade”<sup>9</sup>. Zygmunt Bauman descreve que “a pós-modernidade é a era dos especialistas em ‘identificar problemas’, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de ‘autoafirmação’: é a era do ‘surto do aconselhamento’”<sup>10</sup>.

Vê-se que não é difícil perceber uma nova conceituação, ou melhor, uma distorção de valores essenciais como, por exemplo, a fidelidade.

<sup>6</sup> LIPOVETSKI, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, p. 88.

<sup>7</sup> *Id.* *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 133.

<sup>8</sup> *Id.* *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, p. 88.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>10</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 221.

Hoje entende-se a fidelidade como “uma situação que associa uma vaga esperança do ‘para sempre’ com a consciência real do provisório”<sup>11</sup>. Segundo Zygmunt Bauman, postula-se, hoje, uma “moralidade sem código ético”<sup>12</sup>. Há uma substituição da ética pela estética. Verifica-se o alarmante desaparecimento de tudo o que é permanente: “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante”<sup>13</sup>.

Tal perspectiva, embora um tanto angustiante, no próprio sentido vital e suas consequentes relações, não pode deixar de suscitar questionamentos. Nunca o ser humano esteve ao mesmo tempo mais informado e mais desestruturado, mais adulto e mais instável, menos ideológico e mais influenciado pelas modas, mais cético e menos profundo, mais crítico e mais superficial<sup>14</sup>.

Como pode em tempos de grandiosos avanços científicos o ser humano estar tão esfacelado por falta de sentido? Diante de tal realidade, não se pode negar a existência de novos problemas, de novas angústias, mas também não hão de se negar expectativas e caminhos que levem o ser humano a uma autêntica restauração de seu ser fragmentado.

Pergunta-se: não haveria, portanto, uma verdadeira nostalgia de reconciliação, mesmo quando não é usada tal palavra? Percebe-se que a nostalgia de reconciliação e a própria reconciliação em si é algo que o ser humano pode vivenciar uma vez que este queira unificar seu próprio ser na devida relação com Deus e com os irmãos. Numa perspectiva teológica, vê-se que somente na medida em que atingir “aquela dilaceração primordial que é raiz de todas as outras, ou seja, o pecado” (*Reconciliatio et Paenitentia* 3), é que a reconciliação será plena e eficaz. A busca pela reconciliação evidencia que a temática do pecado não pode ser alheia para aquele que quer restaurar sua vida em Deus e também na relação com os outros. Mas, por que hoje não se comenta sobre este tema? Não haveria uma crise do sentido de pecado?

---

<sup>11</sup> LIPOVETSKI, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*, p. 47-48.

<sup>12</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 40.

<sup>13</sup> *Id.* *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 65.

<sup>14</sup> Cf. CHARLES, Sébastien; LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos Hipermodernos*, p. 27-28.

## 2 Crise do sentido de pecado

Se outrora se dava importância demasiada ao pecado, hoje acontece, com maior ênfase, o extremo: a indiferença perante tal tema. Será que a mentalidade hodierna não mostraria uma abertura para uma nova dimensão dessa realidade? Certo é que um fenômeno paralelo e concomitante com o tema do “pecado” adquire cada vez maior relevo: “a explosão de um sentido mórbido de culpa, de uma infinidade de expressões não-captáveis, que perturbam o equilíbrio de muitas pessoas”<sup>15</sup>.

A experiência da culpa surge no ser humano diante da tensão daquilo que ele projeta e o que acontece ou o que se é de modo concreto na realidade. É justamente na capacidade de acolher esse desafio da culpa que consiste a maturidade moral do ser humano<sup>16</sup>. Perceber-se culpado em determinadas ocasiões, em nível consciente, é sinal de maturidade, pois a culpa, possibilita o reconhecimento de si.

Frequentemente o pecado foi sendo confundido com a culpa. Tal fenômeno criou uma visão exagerada e deturpada do pecado que acarretou, por sua vez, sua crise de sentido e perda de sua própria percepção. Esta crise impulsiona, hoje, a refletir e redescobrir o verdadeiro sentido de pecado. E, para isto, será necessário explicitar, primeiramente, a experiência da culpa para poder, posteriormente, relacionar e distinguir o pecado.

Alguns autores concebem que a culpa é introjetada no ser humano pela sociedade. É o caso de Nietzsche e Freud. Estes autores partem da mesma raiz antropológica: o ser humano é essencialmente um ser de instintos. Com efeito, uma vez que a moral, através do sentimento de culpa, procura frear os impulsos do ser humano, a existência da pessoa torna-se trágica, porque não pode satisfazer os seus desejos mais profundos devido ao controle cultural da civilização<sup>17</sup>. Nesse sentido, o contraste com a sociedade sempre será traumatizante, uma vez que não existe possibilidade de ser compensado com valores superiores<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> LAFRANCONI, Dante. Pecado. In: COMPAGNONI, F.; PIANNA, G.; PRIVITERA, S. (Dir.). *Dicionário de teologia moral*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 927.

<sup>16</sup> Cf. DEMMER, Klaus. *Introdução à teologia moral*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 83.

<sup>17</sup> Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 264.

<sup>18</sup> Cf. *Ibid.*, p. 265.

Já outros autores, como Jung e Ricoeur, compreendem a culpa numa visão positiva, por fazer parte de uma autêntica existência humana. Para ambos, os sistemas morais são posteriores ao sentimento de culpa e à formação da consciência. Jung aponta para uma culpabilidade denominada sombra, uma culpabilidade existencial. Esta consiste em dar-se conta de que não se é aquilo que se deveria ser. Vê-se nessa culpa a própria limitação humana. Em Jung, aceitar essa sombra faz parte da própria identidade e é uma condição para a realização humana.

Em Ricoeur, a culpa é um dos terceiros símbolos do mal. Para ele a culpa tem uma tônica subjetiva, e o elemento principal de sua experiência está no mau uso da liberdade tendo como ponto de referência a consciência. Na perspectiva de Ricoeur, há uma íntima correspondência entre culpabilidade e consciência. Tomar consciência e assumir-se culpado tem um mesmo sentido. A culpa tem a dimensão do que se manifesta na consciência, ou seja, o ser humano somente se sente responsável por aquilo que experimenta como culpa interior<sup>19</sup>.

De modo geral, pode-se dizer que a culpa tem duas vertentes: a experiência das próprias limitações, porque manifesta a impotência de concretizar os projetos, e a experiência da alteridade, porque o outro resiste aos meus desejos<sup>20</sup>. É necessário salientar também que existem duas formas concretas de culpa se manifestar, a saber, sentimento de culpa<sup>21</sup> e consciência de culpa<sup>22</sup>. As expressões do sentimento de culpa são os escrúpulos, que provêm de mecanismos de rejeição real da culpa; o remorso, ou seja, a conduta de autopunição, que leva a reparar indefinidamente o passado vivido como uma condenação; e o comportamento de autojustificação, uma culpa muito forte que dá lugar

<sup>19</sup> Cf. RICOEUR, Paul. Culpa, ética e religião. In: *Concilium*, v. 6, n. 56 (1970), p. 685.

<sup>20</sup> Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*, p. 273.

<sup>21</sup> No sentimento de culpa, ao contrário da consciência de culpa, não há responsabilidade. “Os sentimentos de culpa não mantêm nenhuma relação com a consciência, a qual, intrinsecamente, relaciona-se com as possibilidades de sentir plena e total responsabilidade por nossa pessoa” (GUEDES, Paulo Sergio Rosa; WALZ, Julio Cesar. *O sentimento de culpa*. Porto Alegre: [s.n], 2007, p. 47). O sentimento de culpa é “gerador de angústia, porque se experimenta como progressivo isolar-se dos outros, como sempre crescente clausura de si mesmo” (RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 86).

<sup>22</sup> “A consciência sã da culpa acontece num sistema ou estrutura psicológica ‘aberta’: alguém sente-se culpado em relação a outro, por ter correspondido menos às exigências de amor do outro. O centro de gravidade desta experiência não é o próprio eu, mas o outro” (*Ibid.*).

à autojustificação. Já, por sua vez, a consciência de culpa é consciente e pode ter dois pontos de referência: a lei externa e a voz da consciência. Pode-se ter consciência da infração, percebida em relação a uma indicação puramente exterior e material do que se deve ou não fazer; ou consciência moral da culpa, isto é, um desvio percebido, não em relação a uma lei externa, mas a uma lei interiorizada do ideal ou projeto de vida. É somente neste nível que existe contrição, uma vez que se reconhece a culpa e se olha decisivamente para o futuro<sup>23</sup>. Azpitarte evidencia que “a culpabilidade verdadeira é o reconhecimento sincero e humilde de equívoco voluntário, a aceitação do erro lamentável que recai sob a responsabilidade pessoal”<sup>24</sup>.

Embora a consciência de culpa esteja relacionada ao pecado, ela não se confunde com o mesmo. Junges aponta quatro diferenças essenciais<sup>25</sup>. Uma primeira é que o reconhecimento da culpa é sempre diante de si mesmo, tendo como ponto de referência a consciência do próprio sujeito. Já o pecado tem uma dimensão objetiva, uma vez que o seu reconhecimento é diante de Deus e do outro. Uma segunda diferença aponta que a culpa é essencialmente individual, enquanto que o pecado atinge também a personalidade coletiva da humanidade. Uma terceira diferença está na compreensão de que a culpa diz respeito única e exclusivamente ao sujeito e é devida a ele; já o pecado está presente antes da ação, visto que o mal vem antes de o sujeito pecar. Uma quarta e última diferença salienta que o arrependimento em relação à culpa procura sempre reparar atos do passado, tendo uma característica retroativa; já a contrição, em relação ao pecado, olha para o futuro de onde Deus chama para a reconciliação.

Com efeito, a consciência de culpa tem uma relação estreita com o pecado, pois reflete a dimensão moral do agir humano. Na consciência de culpa está implícita a responsabilidade, um dos elementos-chave na compreensão de pecado. Pecado, consciência de culpa e responsabilidade são interdependentes entre si. “O pecado supõe sempre a responsabilidade, pois só há pecado, quando se age de maneira consciente e livre; e quando se age de maneira consciente e livre, a

<sup>23</sup> Cf. CENTRE SAINT-DOMINIQUE, L'ARBRESLE. *Culpa, neurose e pecado*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 29-34.

<sup>24</sup> AZPITARTE, Eduardo López. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 118.

<sup>25</sup> Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*, p. 274.



pessoa é responsável”<sup>26</sup>. Uma vez que a culpa não é acompanhada da disposição de assumir a responsabilidade do pecado cometido, então se trata mais de um mal-estar emotivo e infantil, ou seja, sentimento de culpa. Tal sentimento pode, por sua vez, deformar a experiência cristã do pecado. Urge, pois, discernir sempre este estado sentimental diante da consciência de culpa, sobretudo em vista do processo crescente de uma emocionalização exacerbada em todas as áreas, inclusive na ética.

Diante dessa reflexão, verifica-se que é a responsabilidade o elemento que relaciona e coordena a culpa com o sentido de pecado. Uma vez que se salienta cada vez mais a culpa e o sentido de pecado praticamente desaparece, o que está acontecendo? Pode-se concluir que há uma ausência do elo unificador: a responsabilidade, porquanto há uma interdependência com pecado e a culpa consciente. “Onde o homem não mais reconhece a responsabilidade por si e seus atos, o próprio humano está ameaçado”<sup>27</sup>. Hoje, mais do que nunca, a responsabilidade é posta em crise. Ignora-se a responsabilidade ética da pessoa explicitando tudo por condicionamentos.

A psicanálise suscitou inúmeras suspeitas a propósito da liberdade e, conseqüentemente, a propósito da responsabilidade nos comportamentos humanos. Ela possibilitou verificar que certos comportamentos “concebidos” como pecado na realidade são apenas comportamentos condicionados por alterações psíquicas. Excluindo os casos clínicos, a psicologia pôs em evidência fatores que podem influir nas opções do ser humano, limitando a sua liberdade. Porém, difundiu-se, como consequência disso, um extremismo em que a pessoa quase nunca se reconhece como verdadeiramente responsável pelos próprios comportamentos equivocados. Criou-se, por sua vez, uma mentalidade de negar até diante de si mesmo os próprios erros<sup>28</sup>. O “freudismo”, distorção dos grandes méritos que Freud deixou, vai exagerar, sobretudo na força dos chamados impulsos, particularmente para a satisfação sexual, a destruição e a morte<sup>29</sup>. Não se pode ignorar o que a psicologia apresenta sobre as forças inconscientes e os condicionamentos existentes no ser humano, mas não se pode simplesmente chegar ao extremo de

<sup>26</sup> LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 928.

<sup>27</sup> ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 293.

<sup>28</sup> Cf. LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 928.

<sup>29</sup> Cf. MOSER, Antônio. *O pecado: do descrédito ao aprofundamento*. Petrópolis, 1996, p. 32.

negar completamente a liberdade humana, uma vez que o ser humano é livre e, portanto, responsável por seus atos e suas obras.

Também se constata, na sociedade atual, que “o relativismo moral faz desaparecer o senso de responsabilidade junto aos outros, porque, onde tudo é relativo, tudo é subjetivo, e os outros não são levados em conta ou o são muito pouco”<sup>30</sup>.

Outro fator que influi na perda do senso de responsabilidade para com Deus é, sem sombra de dúvida, a secularização e o indiferentismo religioso. Perde-se o senso de responsabilidade “com o bem em sua consistência objetiva e em sua plenitude absoluta, como ponto de referência imprescindível para o conhecimento de tudo o que se pode chamar bem ou para a orientação da liberdade humana”<sup>31</sup>.

Vê-se o quanto é necessário aprofundar a reflexão teológica sobre o pecado na revelação cristã, como ato livre do ser humano, como ato que faz intervir a responsabilidade na sua orientação complexa e unitária para consigo mesmo, para com os outros e para com Deus. Somente após um esclarecimento aprofundado do denominado afastamento de Deus, o pecado, pode-se compreender o sentido verdadeiro do perdão.

Em meados do século XX, Pio XII destacava que “o pecado do século é a perda de sentido de pecado”<sup>32</sup>. Vê-se que ainda hoje tal análise não deixa de expressar algo evidente. A sociedade atual parece ter perdido o sentido do pecado. Tem-se medo de tudo, menos do pecado. Tal situação contextual exerce um influxo tremendo nos crentes que querem viver conforme o Evangelho. Há um entorpecimento das consciências, uma anestesia espiritual. Pode-se dizer que, “em vez de libertar-se do pecado, hoje todo o empenho concentra-se em libertar-se do remorso do pecado; em vez de lutar contra o pecado, luta-se contra a ideia de pecado”<sup>33</sup>. Isso significa, conseqüentemente, negar o problema, em vez de resolvê-lo, sepultar o mal no inconsciente, em vez de removê-lo.

Diferentemente da culpa, âmbito subjetivo do agir moral, o pecado “pode ser reconhecido somente se há uma relação viva com Deus”<sup>34</sup>.

<sup>30</sup> LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 928.

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> Radiomensagem ao Congresso Catequético Nacional dos EUA em Boston (26/10/1946). In: PIO XII. *Discorsi e Radiomessaggi*. VIII. Roma: SAS, 1947, p. 394.

<sup>33</sup> CANTALAMESSA, Raniero. *A vida em Cristo*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 124.

<sup>34</sup> ZIEGENAUS, Anton. Il sacramento della penitenza. In: LUTHE, Herbert. *Incontrare Cristo nei sacramenti: sussidio teologico per una pastorale sacramentaria*. Milano: Edizioni Paoline, 1988, p. 258.

A razão para tal compreensão reside no fato de que o crente não existe sozinho, mas existe com e para Deus. Portanto, só há pecado enquanto tiver referência a Deus e àquilo que Ele convida a viver<sup>35</sup>. Um verdadeiro “senso de pecado cresce em proporção com nossa vontade de aceitar a salvação de Cristo, de reconhecer que ‘o sangue de Jesus, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado’ (*I Jo 1, 7*)”<sup>36</sup>. Perder o sentido de pecado implica, nesse sentido, compreender a própria dignidade humana e o próprio amor de Deus superficialmente. Diz Bruno Forte:

Só quem tem alto senso da dignidade do ser humano diante de Deus, de seu destino eterno, pode perceber quão grande é a tragédia do pecado e como a perda do senso do pecado é, em sentido profundo, a perda do senso de tudo o que é verdadeiramente humano<sup>37</sup>.

Também é necessário romper com uma visão errônea do pecado, ou seja, tratá-lo simplesmente na sua objetividade como pura falta à lei, para que ele ocupe o seu verdadeiro lugar: “não o do centro da vida cristã, mas o de um tropeço no caminho da Salvação”<sup>38</sup>, pois a missão primeira do cristianismo não é o pecado, mas anúncio da Pessoa de Jesus Cristo que traz a redenção.

### 3 Essência teológica do pecado<sup>39</sup>

Como compreender o que o evangelista João afirma: “Se dissermos: ‘não temos pecado’, enganamo-nos e a verdade não está em nós” (*I Jo 1, 8*)? O que significa pecado à luz da fé cristã? Uma correta compreensão do que significa pecado faz-se necessária para evitar extremismos, pois o cristão é convidado a considerar “pecado o que Jesus considera pecado”<sup>40</sup>,

<sup>35</sup> Cf. CENTRE SAINT-DOMINIQUE, L'ARBRESLE. *Culpa, neurose e pecado*, p. 39.

<sup>36</sup> COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Deus Pai de misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 63.

<sup>37</sup> FORTE, Bruno. *Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 89.

<sup>38</sup> MOSER, Antônio. *O pecado ainda existe? Pecado, conversão e penitência*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 29.

<sup>39</sup> Tal reflexão pretende abordar a temática do pecado sob o ângulo apenas do pecado atual, não original. A abordagem também se delimitará na essencialidade teológica do pecado como ruptura com Deus, com os outros e consigo mesmo. Não abordará a questão da gravidade do pecado (mortal e venial).

<sup>40</sup> MOIOLI, Giovanni. *O pecador perdoado: itinerário penitencial do cristão*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 34.

nada a mais nem a menos. “Na realidade, só diante do Senhor é que o homem pode reconhecer o seu pecado e perceber toda a sua gravidade” (*Evangelium Vitae* 21). O pecado é uma categoria essencialmente teológica, é objeto de revelação da parte de Deus<sup>41</sup>. É preciso antes de tudo saber que

o pecado é o mistério que nos é revelado como incluído no mistério do Cristo Redentor. É mistério, porque a ação e a atitude livre da pessoa, em resposta ao apelo de Deus, não é jamais totalmente conceitualizável. Não se poderá, pois, falar de pecado senão em relação ao mistério do relacionamento do homem com Deus em Cristo<sup>42</sup>.

A partir do momento em que o ser humano assume a própria responsabilidade frente à sua existência, então inicia sua experiência moral<sup>43</sup>. Neste projetar-se existencialmente do ser humano surge a orientação fundamental que pode “ser radicalmente modificada por atos particulares” (*Veritatis Splendor* 70). Esta orientação fundamental ou opção fundamental<sup>44</sup> de vida “realiza-se sempre através de escolhas conscientes e livres” (*Veritatis Splendor* 106). Cada ação humana é incluída na história da pessoa, ou seja, no seu tornar-se livre e responsável. Nesse sentido, todo o pecado supõe um pecador. O pecado é ação humana no empenho consciente e livre na autoconstrução da própria pessoa. O pecado, dentro do âmbito da opção fundamental, “expressa o que o homem é, seus desejos, suas preferências, os valores em que crê; e, ao mesmo tempo, expressa o que o homem quer ser”<sup>45</sup>. Evidente que não se pode reduzir a pessoa ao seu pecado. O pecado é, portanto, como um processo de autoilusão, autocentramento, ou autossuficiência que empobrece aos poucos a relação com Deus.

<sup>41</sup> Cf. JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*, p. 286.

<sup>42</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 91.

<sup>43</sup> Cf. *Ibid.*, p. 93

<sup>44</sup> Por opção fundamental “entende-se a firme decisão da liberdade para Deus como fonte de salvação e nascente de todos os mandamentos. Na opção fundamental, o homem projeta-se rumo a Deus, nEle encontra sua felicidade e plenitude; seus pensamentos vertem para o infinito, conferindo à sua práxis moral estabilidade e inequívoca dinamicidade. Na opção fundamental, portanto, está simultaneamente presente um conhecimento prévio do próprio cumprimento eterno” (DEMMER, Klaus. *Introdução à teologia moral*, p. 76).

<sup>45</sup> LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 939.

## 4 Pecado: fragmentação e dilaceramento do ser humano

O ser humano é um ser relacional, é “nó de relações”<sup>46</sup>, como diz Saint-Exupéry. O pecado, ao fragmentar e dilacerar o ser humano, fragmenta todas as suas relações. Primeiramente com Deus, visto que só existe pecado, quando há referência a Deus. Mas, também fragmenta diretamente as relações interpessoais.

### 4.1 Fragmentação relacional com Deus

Primeiramente, o pecado é ato contra Deus: “O pecado é ofensa a Deus. O pecado ergue-se contra o amor de Deus por nós e desvia dele os nossos corações. É, portanto, ‘amor de si mesmo até o desprezo de Deus’” (*Catecismo da Igreja Católica* 1850). É recusa daquele que nos amou primeiro. Ao pecar, o ser humano recusa a Deus enquanto criador e salvador. Simplesmente não quer ser determinado na sua existência pela relação com Deus “como aquele que o convida à aliança, como Amor que o convida à comunhão de amizade com ele e com os outros homens mediante Cristo e no Espírito”<sup>47</sup>. A reflexão teológica evidencia o “pecado como eleição livre e responsável do homem e como gesto que, ao dirigir-se contra Deus, repercute negativamente no próprio homem e na sociedade”<sup>48</sup>.

Eduardo López Azpitarte afirma ser impossível uma formulação sobre o pecado que explicita todos os aspectos. Para ele, “pecado é todo ato ou estado – suposta a suficiente liberdade e conhecimento valorativo, sem excluir a cegueira culpável – que, por qualquer motivo ou justificativa, negue – ao menos de fato e na prática – a primazia de Deus na vida do crente”<sup>49</sup>.

Ao pecar, o ser humano se revolta contra o próprio Deus que o ama e que desde o começo estabeleceu com ele relação pessoal de amizade e de salvação<sup>50</sup>. Pode-se dizer que, “para o cristão, o pecado é o contrário da graça”<sup>51</sup>.

<sup>46</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Cidadela*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 438.

<sup>47</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 96-97.

<sup>48</sup> LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 931.

<sup>49</sup> AZPITARTE, Eduardo López. *Culpa e pecado: responsabilidade e conversão*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 101.

<sup>50</sup> Cf. LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 933.

<sup>51</sup> FLORÉZ, Gonzalo. *Penitência e unção dos enfermos*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 29.

Na Sagrada Escritura, sobretudo em *Gn 3, 1-7*, vê-se claramente a definição de pecado como um desejo de “querer ser como Deus”<sup>52</sup>. É uma pretensão do homem em ser autônomo diante de Deus e decidir por si mesmo o que está bem e o que está mal.

A pessoa que nega ou prescinde explicitamente deste relacionamento autêntico com Deus, afirma desordenadamente a si mesma, enquanto nega ou prescinde do Amor que faz existir todas as possibilidades de amar realmente, e se coloca na incapacidade de realizar a si mesma em relação à outra liberdade na construção comum da história: numa palavra, faz de si mesma um ídolo ao qual quer instrumentalizar tudo o resto<sup>53</sup>.

Pecado é aversão a Deus e conversão às criaturas<sup>54</sup>. O ser humano recusa a Deus como sentido último de sua vida para fechar-se nas criaturas, idolatrá-las. Evidente que é necessário interpretar bem tal definição, para não dar margem a uma concepção espiritualista onde uma volta ou conversão a Deus implique em simplesmente ignorar as criaturas, os próprios irmãos, o universo onde o cristão vive. Esta compreensão distorcida de aversão às criaturas, pode ignorar “a encarnação do filho de Deus, que se tornou igual aos homens em tudo, com exceção do pecado (*Fl 2, 7*), e ignora a própria missão de servir aos homens que Jesus cumpriu até sua exaltação na cruz”<sup>55</sup>. João Paulo II argumenta que o pecado, como ruptura com Deus, “é o ato de desobediência de uma criatura que, pelo menos implicitamente, enjeita aquele do qual proveio e que a mantém em vida; é, portanto, um ato suicida” (*Reconciliatio et Paenitentia 15*).

Vê-se que tal recusa e ofensa a Deus é dimensão fundamental do pecado. Por outro lado, vê-se também que “o mistério do pecado é formado por esta dupla ferida, que o pecador abre no seu próprio seio e na relação com o próximo” (*Reconciliatio et Paenitentia 15*). Como recusa à comunhão com Deus, o pecado é também recusa à comunhão com os outros e consigo mesmo, inclui uma dimensão social e pessoal.

<sup>52</sup> Cf. DREWERMANN, Eugen. Pecado. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 661.

<sup>53</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 98

<sup>54</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; EST; Sulina, 1980, V. IX, q. LXXXVI, a. IV, p. 4410.

<sup>55</sup> LEERS, Bernardino. *O ministério da reconciliação: uma ética profissional para confessores*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 125.

## 4.2 Fragmentação relacional com os outros

Pecado é, indubitavelmente, recusa aos outros. É preciso superar uma visão muito reduzida do pecado ao âmbito particular. Diz Ortega Y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância”<sup>56</sup>. Se se é também a circunstância, o que se faz tem um efeito direto nela e nas suas relações. A dilaceração que o pecador sente na vida pessoal repercute na vida social. “Não existe, pois, ontologicamente, um amor a Deus puramente individualista e privado, que não inclua e não se manifeste no amor para os outros homens. E assim não existe, ontologicamente, pecado puramente individualista e privado”<sup>57</sup>. Para reforçar tal aspecto, basta ver que Cristo mesmo retém para si tudo aquilo que é feito aos irmãos: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (*Mt 25,40*). Com efeito, “o amor a Deus e aos irmãos são dois aspectos inseparáveis do único ‘sim’ ao Deus da aliança”<sup>58</sup>. A primeira epístola de São João é enfática nesse dado fundamental: “Quem não ama o seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (*1Jo 4,20*). Bento XVI assim esclarece: “O amor a Deus e ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus” (*Deus caritas est 15*).

Pode-se dizer também que todo o pecado tem uma dimensão eclesial. “O pecador, substancialmente, se comporta como célula morta que impede a circulação da vida do corpo de Cristo”<sup>59</sup>. Por recusar e se opor ao amor de Deus, o cristão fere a Igreja, pois realiza menos a missão recebida no batismo, a saber,

de ser sinal e testemunho eficaz para o mundo do amor de Deus, da vitória sobre o mal e da elevação e transformação de todos os valores humanos na morte-ressurreição de Jesus Cristo, da presença e da construção real, hoje, do Reino escatológico de liberdade, de amor, de justiça e paz. Por estas mesmas razões, o cristão pecador opõe-se e diminui o dinamismo salvífico da Igreja e a sua eficácia no mundo, torna-a pecadora, menos preparada e menos capaz para lutar contra o mal e a injustiça que existe em si e fora de si<sup>60</sup>.

<sup>56</sup> ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones Del Quixote*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Madrid: Alianza Editorial-Revista de Occidente, 1983, Obras Completas. XII, v. 1, p. 322.

<sup>57</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 101

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 100.

<sup>59</sup> PINGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. São Paulo: Ave Maria, 2005, p. 324-325.

<sup>60</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 104.

Evidencia-se claramente a fragmentação relacional com o outro, no primeiro pecado, como uma ruptura entre as figuras de Adão e Eva. Adão que recebera com admiração uma auxiliar semelhante a ele (*Gn 2, 18*), logo em seguida passa a acusar a mulher da desobediência que ambos cometeram: “A mulher que tu me puseste a meu lado me deu para comer da árvore e eu comi” (*Gn 3, 12*). Adão não compartilha a responsabilidade, se justifica e lança culpa ao outro<sup>61</sup>. Verifica-se que “o pecado corrói o tecido das relações humanas, introduzindo-se como uma cunha com a força dissolvente do egoísmo entre um homem e outro, entre o grupos e grupos, entre homem, grupo e sociedade”<sup>62</sup>. Todo pecado repercute sobre os outros. Com efeito, uma vez que todo o pecado está unido ao pecado original, todo o homem pecador manifesta a fraternidade com Adão. Em Adão todos pecaram, porque todo homem é Adão (cf. *Rm 5, 12ss*).

Está nisto uma outra faceta daquela solidariedade que, a nível religioso, se desenvolve no profundo e magnífico mistério da Comunhão dos Santos, graças à qual se pode dizer que ‘cada alma que se eleva, eleva o mundo’. A esta lei de elevação corresponde, infelizmente, a lei da descida, de tal modo que se pode falar de uma comunhão no pecado, em razão da qual uma alma que se rebaixa pelo pecado arrasta consigo a Igreja, e, de certa maneira, o mundo inteiro (*Reconciliatio et Paenitentia 16*).

É evidente que o pecado se prolifera nas relações humanas, não é um ato isolado e puramente individual. Pelo pecado deixa-se de ser para o outro aquilo que se deveria ser. Fechando-se em si mesmo, o ser humano peca contra sua própria vocação histórica, deixando de ser ponte e sacramento do amor de Deus para o outro<sup>63</sup>. O pecado não é somente ofensa a Deus, mas também recusa de amor ao outros. Ao recusar amor ao outro, recusamos ao próprio Deus.

### 4.3 Fragmentação de si mesmo

O pecado é também uma recusa e negação de si mesmo, um ato egoísta e destrutivo. O pecador, uma vez que recusa a Deus e a sua dependência dEle como criatura, se coloca na condição de não compreender a si mesmo. Ao recusar o Criador, o ser humano é impedido de realizar-se como pessoa, pois em sua própria constituição

<sup>61</sup> Cf. LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 935.

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> Cf. ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*, p. 303.



antropológica ele é um ser aberto à transcendência<sup>64</sup>. “O pecado diminui as possibilidades do ser humano e o impede de sua plena realização” (*Gaudium et Spes* 13), ele é, na realidade, recusa do próprio eu, no seu ser e no seu dever-ser.

Em Cristo, o humano e o divino se conjugam. “O humano só encontra sua identidade profunda à medida que se abre plenamente para o divino”<sup>65</sup>. Crendo-se autossuficiente, o ser humano fecha-se em si mesmo. “Perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem, da sua dignidade e da sua vida” (*Evangelium Vitae* 21). Pode-se dizer que “na realidade, vivendo ‘como se Deus não existisse’, o homem perde o sentido, não só do mistério de Deus, mas também do mistério do mundo, e do mistério de seu próprio ser” (*Evangelium Vitae* 22). Nessa perspectiva, pecar é inclinar-se ao próprio fracasso.

São Tomás de Aquino, ao refletir sobre a ofensa que o pecado inflige a Deus, parte de uma perspectiva profundamente humanista: “Deus não se sente ofendido por nós senão pelo fato de que agimos contra o nosso próprio bem”<sup>66</sup>. Pode-se compreender aqui o pecado como um agir contra o bem da própria pessoa. O pecado cria obstáculos ao processo de uma autêntica humanização. É uma recusa a construir-se, é diminuição da liberdade da pessoa, ou seja, de “uma liberdade

---

<sup>64</sup> Rahner define o ser humano como ser aberto, ser de transcendência. Tal transcendência não se dá para o vazio, mas para o Absoluto. Para ele, esta transcendência é “aquela abertura apriorística do sujeito para o ser em geral, que se dá precisamente quando a pessoa se percebe envolvida na multiplicidade das preocupações, ocupações, temores e esperanças do seu dia-a-dia. A transcendência propriamente dita está de certa forma como que no fundo do quadro em que o homem vive, na origem indispensável do seu viver e conhecer. E essa transcendência propriamente dita nunca é captada pela reflexão metafísica totalmente e em sua pureza, ou seja, de maneira não objetivada (cf. RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*: introdução ao conceito de cristianismo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989, p. 49-50). Segundo Lima Vaz, “a relação de transcendência é, pois, um constitutivo fundamental do *ser-para* do homem e é como tal que deve ser tematizada filosoficamente ou formulada como *categoria antropológica*” (VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 112). Vaz afirma que é na categoria do espírito “que o ser humano abre-se necessariamente para a *transcendência*: trata-se de uma abertura propriamente *transcendental*, seja no sentido clássico, seja no sentido kantiano-moderno, que faz do homem nesse cimo de seu ser que é também, para usar outra metáfora, o âmago mais profundo de sua unidade, um ser estruturalmente aberto para o *Outro*” (VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica I*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 181). É somente na descentralização de si que há verdadeira realização humana.

<sup>65</sup> MOSER, Antônio. *O pecado*: do descrédito ao aprofundamento, p. 327-328.

<sup>66</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Porto Alegre: EDIPUCRS; EST, 1996, Livro III, CXXII, p. 609.

humana, como capacidade de construir responsabilmente a si mesmo e de dispor de si em ordem à abertura e ao amor para Deus e para os outros”<sup>67</sup>. O pecado no ser humano “transtorna o seu equilíbrio interior; e precisamente no seu íntimo, irrompem contradições e conflitos” (*Reconciliatio et Paenitentia* 15), afirma João Paulo II.

Como ato da pessoa, o pecado tem as suas primeiras e mais importantes consequências no próprio pecador; ou seja, na relação dele com Deus, que é o próprio fundamento da vida humana; e também no seu espírito, enfraquecendo-lhe a vontade e obscurecendo-lhe a inteligência (*Reconciliatio et Paenitentia* 16).

Vê-se que o pecado tem suas raízes no coração do ser humano: “Com efeito, é de dentro do coração dos homens que saem as intenções malignas” (*Mc* 7, 21). O coração<sup>68</sup> é o lugar do encontro de Deus com o homem. Deus sabe de antemão o que se passa na interioridade de cada pessoa. O próprio Deus vê o que é secreto, pois está presente na interioridade do coração humano. Na sua própria consciência a pessoa se encontra a sós com Deus e ouve intimamente a sua voz (cf. *Gaudium et Spes* 16). O homem pecador não tem como “esconder-se da sua própria consciência que o corrói, como não pode esconder-se diante de Deus que o busca”<sup>69</sup>. Tal impossibilidade em esconder-se não é uma condenação fatal a ele. Antes disso, “a voz de consciência é um convite ao pecador para que se livre do mal que buscou para si e a voz de Deus é esperança e promessa, porque Deus busca o homem para salvá-lo”<sup>70</sup>. A compreensão teológica de pecado está intimamente ligada à esperança, pois

coloca-se no contexto da revelação da oferta salvífica. Deus não só desmascara e revela a iniquidade do pecado, mas, muito mais, aponta para uma esperança salvífica de regeneração para a humanidade. Se Deus apenas denunciasses a potência do pecado sem abrir uma perspectiva de superação, seria demonstração de sadismo e empurraria o ser humano ao desespero<sup>71</sup>.

<sup>67</sup> RAMOS-REGIDOR, José. *Teologia do Sacramento da Penitência*, p. 105.

<sup>68</sup> “O coração é a fonte de pensamentos, dos desejos e atos (*Dt* 15, 9; *Mc* 7, 21-23; *Lc* 6, 45). Nossos planos ou propósitos encontram-se no coração (*Is* 10,7). As qualidades morais são atribuídas ao coração como sede das decisões. Assim o homem é o que o seu coração é; e o coração é usado para designar o caráter (*Mc* 2, 21; *2 Cor* 5, 12)” (MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1984, p. 183).

<sup>69</sup> LAFRANCONI, Dante. *Pecado*, p. 942.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 942-943.

<sup>71</sup> JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica*, p. 288.

A revelação do pecado tem dois objetivos, a saber: “tornar conhecida, por um lado, a força do pecado – solidariedade hamartiológica – e, por outro lado, a eficácia da oferta salvífica de Deus em Cristo – solidariedade soteriológica”<sup>72</sup>. É preciso ter em vista esta perspectiva para não reduzir o pecado apenas à culpa consciente, uma vez que permanece sempre centrado em si mesmo. A esperança vem de Deus que regenera e perdoa o pecado.

Com efeito, o amor de Deus é maior que o pecado. Aquele que se sente amado por Deus não tem como não perceber o quanto é doloroso estar fragmentado, afastado dEle, dos outros e dilacerado consigo mesmo pelo pecado. O amor é o critério máximo para conhecer a fundo o que é o pecado. “Deus é amor” (1 Jo 4, 8.16). E se Deus é amor, Ele pode não amar? Conclui-se que o próprio Deus já espera de antemão o pecador para salvá-lo, assim como o pai misericordioso espera seu filho para que torne a viver verdadeiramente, restituído da fragmentação do pecado (cf. Lc 15, 11-32).

GERALDO LUIZ BORGES HACKMANN  
E-mail: gborgesh@puers.br

---

<sup>72</sup> *Ibid.*